

ESCATOLOGIA: FLORES E FEZES

Uma leitura da parábola de 2Reis 6,24-31

Nancy Cardoso Pereira

1. Dicionários e coisas afins: o termo escatologia tem uma simultaneidade desconcertante! Nos livros de teologia, na biologia, na literatura e nos blogs de literatura dita obscena. Posso escolher o *campo semântico* ou a ex-colha já foi feita por mim? Exercito algumas possibilidades.

• **alternativa 1**

1. do Gr. *skór, skatós*, excremento + *lógos*, tratado / s.f., tratado sobre os excrementos.
2. do Gr. *éschatos*, último + *lógos*, tratado / s.f., parte da Teologia que se refere às coisas que deverão suceder no fim do mundo.

http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

• **alternativa 2**

1. *Escatologia*, substantivo feminino
 - Religião parte da teologia que trata dos fins últimos do homem e do que há de acontecer no fim do mundo;(de *escato-*, <último> +- *logia*).

2. *Escatologia*, substantivo feminino

- Estudo dos excrementos;
 - (geral) alusão aos temas das fezes, da imundície, da obscenidade;
- (de
- escato-*
- , <excremento> +-
- logia*
-)

<http://www.portoeditora.pt/dol/default.asp?param=08010100>

• **alternativa 3**

*Sceta vem da palavra grega skatos que significa excremento. Escatologia é o estudo do excremento, um ramo muito respeitável da biologia, e os biólogos chamam as *cacas* que eles estudam (ou os fósseis) de *scats*. Escatologia também faz referência à literatura que se ocupa obsessivamente com excrementos. Não confunda com o estudo teológico do fim dos tempos e das coisas finais da história. (Será que tem uma conexão?).*

www.mistresskendra.com/shitplay6.html

Entre uma possibilidade e as outras desisto dos fins últimos dos homens e do que há de acontecer no fim do mundo e pergunto pela imundície, a obsessão, os excrementos de um tempo que se esgota nele mesmo e é engolido por suas contradições. Os conflitos militares e seus dramas humanos, as crises ecológicas e seus dramas vitais, as desigualdades sociais e seus desastres econômicos são cenários próximos o suficiente para provocar uma reflexão escatológica: fezes!

2. Anti-eXkatoLogia (contra a escatologia dita profunda): pós-supostos hermenêuticos

Antiode (contra a poesia dita profunda)

João Cabral de Melo Neto

Poesia te escrevia:
flor! conhecendo
que és fezes. Fezes
como qualquer.
gerando cogumelos
(raros, fragéis, cogu-
melos) no úmido
calor de nossa boca.
Delicado, escrevia:
flor! (Cogumelos
serão flor? Espécie
estranha, espécie
extinta de flor, flor
não de todo flor,
mas flor, bolha
aberta no maduro)
Delicado, evitava
o estrume do poema,
seu caule, seu ovário,
suas intestinações.
Esperava as puras,
transparentes florações,
nascidas do ar, no ar,
como as brisas.¹

João ressalta aqui dois processos de fabricação, de fazeção: flores e fezes. Poderia escolher entre florações ou intestinações porque os dois processos garantiriam... não a idéia! Mas o processamento de coisas que continuam sendo coisas e se transfor-

1. www.casadobruzo.com.br/poesia/j/joaoc09.htm

mam em outras de si-mesmo. Resultados finais, resultantes mas também partes de contínuos ainda não terminados: a flor tem sua intestinação de fruto. Excrementos amadurecem bulbos e florações.

João renuncia à delicadeza da escritura da flor por sua referência de imagem e discurso ao mundo sublime, como se a flor acontecesse por inspiração e não por fabricação, fabricação, trabalho. Na flor e seu duplo sublimado, a linguagem poética evita a fricção dos acontecimentos e seus suores e se projeta em puras e transparentes florações nascidas do ar: meta-física-flor!

*Com Antiode, o poeta coloca-se contra o modelo da poesia compreendida tradicionalmente como profunda: o poema é edificado através da objetividade da palavra escrita e não por meio dos “estados d’alma” da prática romântica.*²

Este materialismo fabril é o que garante a unidade contraditória entre o vem-vindo e o há-de-vir (flores e fezes) o que poderia se apresentar como uma linguagem de revelação do mundo não somente como representação abstrata, mas como “*representação concreta, viva, logos perpassado pelo histórico e que retorna a este como movimento do negativo, como negação da negação, como práxis.*”³

Dois motivos se sobrepõem para este exercício teológico:

- desvencilhar o discurso e a linguagem de sublimações metafísicas que fazem das perguntas *escatológicas* florações transparentes do fim do mundo. Higiénicus discursos evitadores do estrume da história, seu caule, seu ovário... intestinações;
- tomar como assunto da teologia as situações de fim-de-mundo vividas como crise entendendo-as como desdobramentos das contradições históricas “*num logos que vai ao mesmo tempo superando dialeticamente a própria gramática geral da realidade, que vai dissolvendo as categorias que utiliza, que vai negando dialeticamente a morfologia e a própria sintaxe do modo de produção existente.*”⁴

Escatologia te escrevia: “teologia” conhecendo que és fezes. Fezes como qualquer... gerando estranhas espécies de materiais e matérias. Não vou evitar as intestinações do tema – em nenhuma das dimensões da bolha madura da hermenêutica. Não vou arriscar puras e transparentes florações textuais de textos de fim do mundo... quando o mundo explode estrume em sucessivos finais repetidíssimos no úmido calor da nossa boca. Contra a teologia/exegese dita profunda, esta antiode exegética se ocupará de textos bíblicos que aproximam um imaginário social e narrativo sobre tempos dramáticos de crise (alimentar/energética/política/valor) e as formulações de totalida-

2. SANTOS, Andréa, *O Engenheiro da poesia e do Capibaribe: João Cabral de Melo Neto*, <http://www.secrel.com.br/jpoesia/andreasantos1c.html>

3. BENOIT, Hector, *Da lógica com um grande “L” à lógica de O Capital*, in: *Marxismo e Ciências Humanas*, Cermarx/IFCH-Unicamp/Xamã, São Paulo 2003, p. 22.

4. BENOIT, Hector, *ibid.*, p. 24.

des como sistemas dinâmico-complexos extremamente precisos e sensíveis porque permanentemente sobrevoantes do caos.

Entende-se assim desde o Gênesis – aqui reconheço minhas leituras eco-eskato-feministas⁵ – a vida acontecendo como complexo caos de terra, oceano, espaço, abismo e escuridão como vibração da *ruach* sobre as águas. Sem precisar reduzir ou adequar as narrativas bíblicas a novidades científicas, o texto da ordem criada e da história da salvação intestina/floresce do caos criativo que é ao mesmo tempo boca e ovário, começo e fim. Degustação e excreção. O caos desordenado da excreção é fragmentação complexa da totalidade. Não há mistério para resolver... há uma dialética concreta para se viver com: – não de uma *creatio ex nihilo* mas de uma *creatio ex profundus*.⁶ Não a escatologia como resolução da história na dimensão da fé e da política (ou uma sim e a outra não...) mas como o estudo dos processos de crise e intestinação em que aCUMulados históricUs conhecem rupturas sistêmicas e se projetam em novas formas de acontecer.

Poesia, te escrevo
agora: fezes, as
fezes vivas que és.
Sei que outras
palavras és, palavras
impossíveis de poema.
Te escrevo, por isso,
fezes, palavra leve,
contando com sua
breve. Te escrevo
cuspe, cuspe, não
mais; tão cuspe
como a terceira
(como usá-la num
poema?) a terceira
das virtudes teologais.⁷

3. Um texto de fim-do-mundo e seus motivos

2Reis 6,24-31

²⁴E sucedeu, depois disto, que Ben-Hadad, rei da Síria, ajuntou todo o seu exército; e subiu e cercou a Samaria.

5. KELLER, Catherine, in: Letty M. RUSSELL; J. Shannon CLARKSON (eds.), “*Eschatology*”, “*Dictionary of Feminist Theology*”, Westminster John Knox, Louisville, 1996.

6. KELLER, Catherine, From a Broken Web -Apocalypse Now and Then, www.pulpit.org/articles/lost_chaos_of_creation.asp

7. www.casadobruco.com.br/poesia/j/joaoc09.htm

²⁵E houve grande fome em Samaria, porque eis que a cercaram, até que se vendeu uma cabeça de um jumento por oitenta peças de prata, e a quarta parte de um cabo de esterco de pombas por cinco peças de prata.

²⁶E sucedeu que, passando o rei pelo muro, uma mulher lhe bradou, dizendo: Acode-me, ó rei meu senhor.

²⁷E ele lhe disse: Se o Senhor te não acode, donde te acudirei eu? Da eira ou do lagar?

²⁸Disse-lhe mais o rei: Que tens? E disse ela: Esta mulher me disse: Dá cá o teu filho, para que hoje o comamos, e amanhã comeremos o meu filho.

²⁹Cozemos, pois, o meu filho, e o comemos; mas dizendo-lhe eu ao outro dia: Dá cá o teu filho, para que o comamos; escondeu o seu filho.

³⁰E sucedeu que, ouvindo o rei as palavras desta mulher, rasgou as suas vestes, e ia passando pelo muro; e o povo viu que o rei trazia cilício por dentro, sobre a sua carne,

³¹E disse: Assim me faça Deus, e outro tanto, se a cabeça de Eliseu, filho de Safat, hoje ficar sobre ele.

3.1. Este é um texto de fim-de-mundo porque as escolhas já se esgotaram: o contexto literário e sociológico

Esta narrativa está localizada no ciclo do profeta Eliseu (1Rs 19-2Rs 13) e já se apresenta numa fase intermediária do conjunto da narrativa. Nos capítulos iniciais de 2Reis o profeta Eliseu é apresentado em seu trabalho cotidiano de intervenção junto às comunidades e famílias num processo de convivência, crises de sobrevivência e “milagres”.

A característica desta primeira fase (2Rs 2– 6,7) é a resolução imediata de crises dramáticas no espaço doméstico-cotidiano a partir de materiais disponíveis na própria comunidade acionando rituais, objetos, ervas, ritmos que recriam a ordem de um tempo caracterizado pela seca, por uma política interna de opressão, fome e doenças. Em alguns casos, as narrativas do cotidiano vão ser ampliadas e vão transitar num espaço intermediário entre o público e o doméstico.

Estes âmbitos não podem ser entendidos como realidades estanques, e sim como um feixe de relações que compõem o conjunto da vida social entendendo as crises particulares e os “dramas-menores” como participantes de uma totalidade sensível do tecido social.

Ciclo de narrativas do profeta Eliseu

1Reis 19	Deus → Elias → indicação de ação política contra o poder estabelecido Elias → Eliseu → ritual de compromisso
2Reis 2,9-14 2,19-22 2,23-25	Eliseu → comunidade dos profetas → legitimidade fonte de água podre → crise de sobrevivência Eliseu X grupo → conflito de legitimidade
2Reis 3,4-27	conflito X reis e soldados → legitimidade
2Reis 4,1-7 4,8-37 4,38-41 4,42-44	viúva e dois filhos → dívida → crise de sobrevivência sunamita → filho morto → crise de sobrevivência comunidade → fome → comida estragada → crise de sobrevivência comunidade → fome/pouca comida → crise de sobrevivência
2Reis 5,1-27 2Reis 6,1-7	sírio leproso → lepra → crise de sobrevivência situação de trabalho → perdas → crise de sobrevivência
6,8-23	conflito X rei e soldados → crise institucional
6,24-30	mulheres comem filhos X rei → ampliação da crise
2Reis 7,2 7,3-20	conflito X reis e soldados fome → leprosos anunciam comida
2Reis 8,1-6 8,7-15	sunamita + filho → resgate bens Eliseu → indicação de Hazael → ampliação da luta contra Acabe
2Reis 9,1-31	golpe militar de Jeú contra o rei Acabe → participação/unção de Eliseu
2Reis 13,14-19 20 e 21	Eliseu X rei Eliseu morre → crítica contínua ao poder cadáver → sepultura Eliseu → ressurreição

Os textos de milagres (2Rs 2–6,7) aglutinam distintos relatos em que a situação de vida chega a um limite insuportável gerando uma **crise** que projeta um grito, mais ou menos organizado/estruturado. As situações de crise e seus gritos são acompanhadas de interjeições dolorosas: ai! meu senhor! morte na panela! veja!

Estes gritos emolduram a cena apresentada: dívida, credores, criança escravizada, fonte de água podre, criança morta, fome, comida estragada, pouca comida, doença, perder o instrumento de trabalho... são estes os motivos.

Pequenos? Quase nada? São intestinações/florações do processo histórico e econômico do governo de Samaria do IX século a.e.c que se mostrará irreversivelmente destrutivo e catastrófico. O governo de Samaria vai acabar em 722 a.e.c num fim de mundo violento patrocinado pelos exércitos assírios. Mas os processos históricos de fim-de-mundo não são pontos de partida nem pontos de chegada... A dívida da mulher que tinha os dois filhos ameaçados de escravidão são situações de fim-do-mundo... mesmo que nenhum político ou teólogo saiba disso. É vivido assim na comunidade, comunica sua dor de fim-de-mundo, seu desespero, seu horror do tempo de crise... e grita!

No ciclo do profeta Eliseu estas situações de fim-de-mundo sem sentido são contornadas por ações proféticas comunitárias que funcionam ao mesmo tempo como articulação e visualização da comunidade dos profetas (2Rs 4,1; 4,38; 4,42; 5,3; 6,1).

O esquema dos relatos de milagre no cotidiano poderia ser assim apresentado:

- 1 – **crise** (social/grupal/familiar)
- 2 – clamor
- 3 – levantamento de condições
- 4 – segunda **crise** (ao nível da resolução do problema)
- 5 – indicação de procedimento
- 6 – ação
- 7 – resultado
- 8 – reconhecimento da resolução da **crise**

Nos primeiros textos de milagres de Eliseu a crise gera o grito! Que aciona ações imediatas de resolução... ou não. Em algumas situações a comunidade já não tem os meios, os materiais, os conhecimentos, as formas objetivas e subjetivas de superar o fim-de-mundo [fome – dívida – doença – morte de filho – comida estragada – água estragada: o mundo vai acabar!!] .

A situação de crise pode ser avaliada pela capacidade comunitária de acionar mecanismos de resolução. Instalada a crise, um momento intermediário vai tratar de resgatar e restaurar estes materiais e estes processos autônomos de resolução de cura, de salvação. Pequenos grandes gestos salvíficos que afastam o fim-do-mundo? Escondem o fim-do-mundo? Falsificam o fim-do-mundo? Talvez, não. Intestinações da crise social.

3.2. Quando nada vale nada: o caos social

No capítulo 6,24-31 todos os mecanismos intermediários de resolução estão esgotados! Já não existem procedimentos comunitários que possam ser acionados como forma de defesa ou como doação de significado: a crise se instala em todos os níveis. A principal mudança é de cenário: já não se trata de narrativas de aldeias camponesas do norte de Israel. Agora a narrativa se ocupa da capital Samaria. Todo o repertório de fome, desespero, desmando político e crise social se encaminham até o centro do país como intestinação do tecido social.

Vamos ao texto.

- **a cidade cercada militarmente:** o texto de 2Rs 6,24 informa que o rei sírio com todo seu exército subiu e sitiou a cidade; o texto hebraico informa sobre a presença de um *machaneh*, de um acampamento militar completo ao redor da cidade. Esta informação rompe o clima proposto pela períclope anterior no verso 23 do mesmo capítulo de um aparente processo de paz: “*E da parte da Síria não houve mais investidas na terra de Israel.*” A passagem se faz entre o enfrentamento com um bando de militares (2Rs 6,23) e a ampliação da crise militar que se expressa num cerco militar completo:

“*Depois disto, ajuntou Ben-Hadad, rei da Síria, todo o seu exército, subiu e sitiou a Samaria.*”

O texto de 2Rs 6,24 faz esta passagem de quantidade e qualidade da crise. No primeiro texto o profeta Eliseu consegue suspender a violência criando um armistício provisório. No versículo 24 a cidade já não conhece saídas e entradas. O bloqueio militar sufoca e asfixia.

- **a fome:** o primeiro resultado imediato do cerco militar é a fome que vai ser qualificada como *grande*. O ciclo de narrativa de Eliseu vai conviver com situações de fome que vão ser eventualmente contornadas (2Rs 4,38-41.42-44). Os textos vão se referir a “*havia uma fome naquela terra*” (4,38) ou à esterilidade da terra (2,19) como situações que poderão ser superadas por ações rituais-comunitárias pontuais. No texto de 2Rs 6,25 a *grande fome* em Samaria está diretamente relacionada ao cerco militar e se expressa como situação de urgência na utilização do termo “*eis que a sitiaram ao ponto de...*” (conforme tradução de Almeida); a TEB sugere “*um cerco tão rigoroso*”; a New International Version sugere “*um cerco tão demorado*”. De todo modo a situação de emergência fica estabelecida num quadro de fome que não tem mecanismos intermediários de superação e que vai se expressar na crise econômica mais ampliada.
- **crise do valor da moeda:** o dinheiro existe, resiste como objeto mas não vale nada! O termo *keceph* entendido como prata ou metal aparece como mediação de valor completamente deteriorado: a cabeça de um jumento é vendida por 80 *shekels* de prata e um punhado de esterco de pombas por 5 *shekels*. Alguns autores relativizam a discrepância aproximando os valores e suge-

rindo algumas raízes comestíveis com nomes possíveis⁸. O que se deteriora não é somente a moeda... mas a capacidade social de representação de valor. A moeda – também na Antiguidade – é um fenômeno social que só se confirma como meio de troca e como reserva de valor. Aqui, neste momento da narrativa, o *keceph* já não representa mais, já não confirma socialmente a troca... despossuído de referências na produção e no consumo, estrangulado pela guerra o dinheiro fede a cocô de pombo na boca do povo!

- **a estagnação da produção:** na situação de crise o rei é confrontado por uma mulher no versículo 26: “*Passando o rei de Israel pelo muro, gritou-lhe uma mulher: acode-me, ó rei meu senhor.*” O versículo coloca a liderança da cidade em contato com a população explicitando a situação de crise na forma do grito. A resposta do rei configura a extensão crítica da crise:

“*Se o Senhor não te acode, de onde te acudirei eu? da eira? ou do lagar?*” (v. 27)

O rei assume a estagnação da produção econômica, tanto a partir da eira (extensão de terreno limpo e batido, ou lajeado, onde se secam, malham, trilham e limpam cereais e legumes) como a partir do lagar (tanque onde se espremem ou pisam certos frutos com aparelhagem própria para fazer vinho ou azeite). Na paralisia do lagar e da eira se estabelece a completa incapacidade de resolução da crise a partir de Samaria mesmo. Neste sentido a localização da crise na cidade e a dependência econômica da cidade em relação ao campo qualificam geograficamente as relações de poder desta narrativa e o abandono total de saídas.

- **a crise no consumo: comer os filhos** – a resposta do rei vai ser confrontada com a máxima do desespero do consumo negado: as mulheres combinam entre si comer os filhos. Um hoje. Outro amanhã. Este desespero de mulheres que devoram filhos parece ser um recurso literário utilizado em momentos dramáticos. No texto de Lv 26,29, na listagem dos castigos da desobediência, o drama passa da destruição econômica (“*Quando eu vos tirar o sustento do pão, dez mulheres cozerão o vosso pão num só forno e vo-lo entregarão por peso; comereis, porém não vos fartareis*”: Lv 26,26) para a ameaça de autodestruição: “*Comereis a carne de vossos filhos e de vossas filhas*” (Lv 26,29). O mesmo se encontra no Dt 28,53-57 como ameaça: “*Comerá o fruto do teu ventre, a carne dos teus filhos e de tuas filhas...*” A ameaça também está presente na profecia de Jr 19,9 como: “*Fa-los-ei comer as carnes de seus filhos e as carnes de suas filhas, e cada um comerá a carne do seu próximo, no cerco e na angústia em que os apertarão os seus inimigos...*” A concretização se dá na forma das Lamentações de Jeremias 2,20 e 4,10: “*As mãos das mulheres outrora compassivas cozeram seus próprios filhos...*” A reciprocidade do gesto se mostra possível no texto de Ez 5,10: “*...os pais comerão a seus filhos no meio de ti, e os filhos comerão a seus pais; executarei em ti juízos e tudo o que restar de ti espalharei a todos os ventos.*”

8. Dove's dung in: Easton's Bible Dictionary: <http://bible.crosswalk.com/Dictionaries/EastonsBibleDictionary/ebd.cgi?number=T1066>; Smith's Bible Dictionary: <http://bible.crosswalk.com/Dictionaries/SmithsBibleDictionary/smt.cgi?number=T1227>

A fome é um elemento trágico não só e especialmente porque de modo definitivo golpeia a capacidade de sobrevivência dos indivíduos e do grupo social, mas também porque rompe com a simbologia e a representação da capacidade de reprodução do grupo social e de harmonia dos fatores vitais. A fome denuncia a incapacidade e a importância do grupo social em resolver suas questões mais fundamentais na base do consumo. Este texto respira profecia de fim-do-mundo! Nos corpos das crianças ameaçados e devorados no consumo negado e na fome absoluta a sociedade conhece seu fim, sua falta de critérios e o que tem valor.

- **perseguição política e golpe:** a reação do rei – que não se sabe quem é! – é de rasgar as vestes, fazer um ritual para que o povo visse (2Rs 6,30) e imediatamente ordenar um processo de perseguição ao profeta Eliseu:

“Assim me faça Deus o que bem lhe aprouver se a cabeça de Eliseu, o filho de Safat, lhe ficar hoje sobre os ombros.”

De algum modo a parábola do fim-do-mundo de 2Rs 6,24-30 atingiu os humores do rei que, mesmo com a cidade cercada e todos os problemas de abastecimento decide iniciar um processo de perseguição ao profeta. Esta atitude explícita a intencionalidade da narrativa de relacionar a atividade profética de Eliseu e suas intestações cotidianas com as comunidades de fora da cidade. Além do cerco militar, havia um cerco profético que vai se expressar no golpe de Jeú contra Acab conforme os capítulos de 2Reis 9 e 10.

Estas intestações do fim-do-mundo podiam se mostrar de modo salvífico nas comunidades através dos relatos de milagre, mas atingiram um estágio de putrefação e podridão, desvalorização e contradição que levariam a uma crise social irreversível com transformações políticas drásticas.

O golpe de Jeú vai definitivamente eliminar a casa de Acab (2Rs 9) de modo violento aparentemente com apoio do movimento profético (2Rs 9,3); o movimento vai erradicar os identificados com Baal (2Rs 10), o que quase vai servir como aprovação para o governo de Jeú e sua casa (quatro gerações) de acordo com o comentário final “provavelmente” deuteronomista em 2Rs 10,30. Avaliado à distância tempos depois o profeta Oséias pode recitar com um olhar crítico:

“Disse-lhe o Senhor: Põe-lhe o nome de Jezrael; porque daqui a pouco castigarei pelo sangue de Jezrael a casa de Jeú e farei cessar o reino da casa de Israel” (Os 1,4).

O modo de avaliar estas mudanças e os acontecidos no golpe de Jeú tem sido muito variado na pesquisa bíblica latino-americana⁹, mas sem dúvida alguma foi um tempo de fim do mundo. O mais exigente é não olhar a crise, o caos como futuro provável, mas correr o risco das profecias que conhecem as moedas de merda e que se apavoram com as crianças devoradas.

O fim do mundo é aqui... deus conosco.

Nancy Cardoso Pereira
nancycp@uol.com.br

9. OROFINO, Francisco R., “Contigo golpearei ao cavalo e ao cavaleiro, ao carro e ao condutor”. *RIBLA 4*, Vozes, Petrópolis, 1989/2, p. 35-46; TRIANA FERNÁNDEZ, Pedro Julio. Profecia-resistência e sobrevivência – Um estudo sobre a vida do povo de Israel durante a dinastia de Jeú. 1998. Orientador: Milton Schwantes. 334p. mimeo.